

As Américas: nascimento e morte das utopias

Zilá Bernd

UNILASALLE



RESUMO – Ao refletir sobre as Américas e a americanidade, buscamos destacar o conceito de mobilidade como uma característica dominante das culturas americanas e que se manifesta através de passagens, deslocamentos e transferências. Essa transitoriedade está presente em diferentes níveis, tais como: cultural, discursivo, temporal, espacial e contribui para consolidar e favorecer a percepção dos imaginários e das relações transversais entre as Américas.

Palavras-chave: Américas; Americanidade; Imaginário; Transitoriedade

ABSTRACT – Reflecting on the Americas and Americanisms, we highlight the concept of mobility as a dominant feature of American cultures, which can be expressed by passages, movements and transfers. This transience is present at different levels such as: cultural, discursive, temporal, spatial and it contributes to strengthen and encourage the perception of imaginary worlds and link-ups between Americas.

Keywords: Americas; Americanisms; Imaginary; Transience

L'état normal d'un sujet c'est la mobilité. Il peut sembler paradoxal de voir ainsi les choses. Comment être peut-il consister à se mouvoir, à agir? Et pourtant vivre, c'est bouger, se déplacer, se battre même. Le cœur, par exemple, vit en battant; le sang, en circulant; la pensée elle-même, existe quand on avance, progresse.

MAXIMILIEN LAROCHE, 1999.

Imaginário coletivo americano

Refletindo sobre mitos e teorias que, de uma certa maneira, modelaram os territórios imaginários americanos, temos tentado comprovar a necessidade de reconciliá-los, e não criar oposições entre eles, para melhor podermos “penetrar os interiores do Novo Mundo”. Nessa nossa proposta de refletir sobre as Américas e a americanidade, temos destacado o conceito de mobilidade como uma característica dominante das culturas americanas, manifestando-se através de passagens, deslocamentos e transferências presentes em todos os níveis: cultural, discursivo, temporal, espacial. Do deslocamento paródico ao metafórico, de passagens de vozes narrativas aos grandes deslocamentos no espaço e no tempo – frequentes em obras cujos personagens são viajantes, caminhantes, itinerantes, *coureurs des bois*, ou *flâneurs* –, as mobilidades configuram a identidade americana. A extrema diversidade das estratégias de mobilidade que se encontram em narrativas literárias, paraliterárias e orais, bem como no

emprego dos mitos da bacia semântica da metamorfose (passagem de um estado a outro), denota a capacidade do sujeito pós-colonial de se reinventar e de cultivar o *espírito migrante* de que nos fala Pierre Ouellet. Uma tal astúcia lhe permite enfrentar o autoritarismo das normas, do poder, dos clichês e da *doxa* que tendem à imobilidade.

As mobilidades e as passagens transculturais estão na origem da hibridação cultural que molda o imaginário das Américas e engendra nossa americanidade. Recuperando as narrativas simbólicas inscritas nas lendas autóctones, o realismo maravilhoso latino-americano conseguiu driblar os mecanismos imóveis e imobilizantes da censura em vigor durante os períodos de ditaduras militares, libertando assim a palavra insubmissa dos escritores impedidos de denunciar abertamente o arbítrio.

A invenção das utopias

Vale à pena nos determos sobre o papel das utopias (bem como das contrautopias ou distopias) que encantaram

e desencantaram as Américas. As utopias integram o imaginário coletivo que pode ser assim definido:

le produit de l'ensemble des démarches symboliques par lesquelles une société se donne des repères pour s'ancrer dans l'espace et dans le temps, pour rendre possible la communication entre ses membres et pour se situer par rapport aux autres sociétés (BOUCHARD, 2000, p. 14).¹

Como afirma Fernando Ainsa (1992), as descobertas deram lugar à projeção sobre o imenso território ainda inédito que acaba de emergir, de um grande número de utopias já existentes na Europa, a exemplo do país de cocanha, do paraíso terrestre e da terra prometida. Para o autor,

l'Âge d'Or perdu *in illo tempore* réapparaît dans le nouvel espace grâce à l'isolement dans lequel vivent ses heureux habitants. Le paradis terrestre et le pays de cocagne sont reconnus dans l'abondance, le climat et la vie paisible du Nouveau Monde (1992, p. 49).²

As primeiras utopias foram construídas tendo por base um certo número de fragmentos míticos europeus adaptados ao novo cenário, inaugurando desse modo as passagens transculturais que caracterizam as culturas das Américas.

De fato, as culturas pré-colombianas possuíam suas próprias utopias sobre o paraíso. Elas aparecem em diversas mitologias sob diversas denominações: *terra sem mal* (*Mbaé Verá Gauzú*, em tupi-guarani), *tierra prometida* ou ainda *tierra nueva* (entre os Caráibes e os Arawaks). Dado que as narrativas sobre os ameríndios resultam de uma observação baseada em um sistema de valores europeus, as especificidades indígenas são associadas a elementos já instituídos nas literaturas medievais e da renascença europeias (cf. H. KARAM, 2007, p. 509).

O Novo Mundo catalisa, pois, de saída uma série de figuras utópicas, definidas por Bernard Andrès como

des fragments repris, recyclés et réactivés à des fins démonstratives. Par exemple la figure utopique du Bon sauvage ou du sauvage éclairé se construit en aval des récits de voyage au Nouveau Monde qui, de Las Casas à Montaigne, Sagard et La Hontan, ont modalisé cette figure (2001, p. 16).³

¹ “o produto do conjunto das iniciativas simbólicas pelas quais uma sociedade confere a si própria pontos de referência para ancorar-se no espaço e no tempo, para tornar possível a comunicação entre seus membros e para se situar em relação a outras sociedades”.

² “a idade de Ouro, perdida *in illo tempore* reaparece em um novo espaço graças ao isolamento no qual vivem seus felizes habitantes. O paraíso terrestre e o país da fartura (cocanha) são reconhecidos na abundância, no clima e na vida pacífica do novo Mundo”.

³ “fragmentos retomados, reciclados e reativados para fins demonstrativos. Por exemplo, a figura utópica do Bom Selvagem ou do selvagem escalrecido se constrói precedendo as narrativas de viagem no Novo Mundo que, de Las Casas a Montaigne, de Sagard e La Hontan, modalizaram essa figura”.

O dicionário de figuras e mitos literários das Américas (2007) revela que um certo número de utopias foram inscritas em textos literários e narrativas de viagem desde a época das descobertas: o Novo Adão (topos paradisiaco), o Eldorado, o *Melting Pot*, o homem cordial, a democracia racial (Brasil), a Raça Cósmica (Vasconcellos), *Nuestra America* (José Martí), o Sonho Americano (*American Dream*), o Destino Manifesto (*Manifest Destiny*); sem falar de certos personagens que adquiriram uma densidade simbólica em virtude de sua incessante busca utópica: Évangéline (Acádia), Antonio Conselheiro, Zumbi dos Palmares e Macunaíma (Brasil), Jacques Watterman (*Volkswagen Blues*), entre outros. Poderíamos igualmente mencionar os profetas, os contadores e os peregrinos, que aparecem nos diferentes relatos das Américas para anunciar tempos novos ou o fim do mundo. Enfim, certos lugares se tornaram lugares utópicos por excelência: o Far West, o Grand Nord, o Pampa, o Sertão, a *Frontier*, o Eldorado.

Se as primeiras utopias veiculam antigos ideogramas de renovação e de recomeço – as Américas como terra prometida, paraíso terrestre, *locus amenus* onde poderia surgir um Novo Adão –, outras apareceram para confirmar as riquezas das terras recentemente descobertas e provar a urgência de explorá-las, como no caso do Eldorado e da Serra da Prata. Os dois mitos associam-se às conquistas de regiões da América Latina e correspondem, assim como as utopias da terra prometida e do país da abundância (cocagne), às reescrituras dos mitos europeus da idade de ouro. Mas eles correspondem também, entre os ameríndios, às crenças na existência de regiões onde o rei era tão fabulosamente rico que se cobria com ouro em pó (El Dorado), e de montanhas de prata (Sierra de la Plata e Rio da Prata), sinônimos de riqueza material quase infinita.

Essas utopias foram seguidas de outras que viam a mestiçagem como uma utopia de equilíbrio social e de integração americana: o *Melting pot*, a Democracia racial, a Raça cósmica, *Nuestra América*. Formulada por José Martí em 1891, *Nuestra América* previa a integração do índio e do negro, ainda excluídos da organização social na América. Para Aimée Bolanões, essa utopia articula a vocação liberal do homem a partir do pensamento mítico dos índios americanos, à qual associam-se a realização espiritual transcendente e a vontade de agir sobre o mundo (Cf. BOLANÕES, 2007, p. 485).

Na contemporaneidade, Jean-François Côté questiona o alcance utópico do conceito de americanidade. Seguindo Quijano e Wallerstein (1992), esse se interroga sobre o caráter utópico da identidade cultural das Américas:

J'interprète pour ma part cette réalité utopique comme produit de toute connaissance qui ne participe pas déjà de la signification des Amériques; c'est-à-dire

que, aujourd'hui, le développement de nouvelles connaissances sur les Amériques, qui nous permettent de les 'découvrir', participent explicitement de l'utopie en question (puisque, littéralement, ces connaissances participent à la construction d'un lieu, *topos*, qui n'existe pas, ou pas encore tout à fait, et qui plus est, ces nouvelles connaissances doivent émerger, s'appuyer initialement sur le travail de l'imagination – et ainsi elles possèdent des équivalents ou des parallèles dans le domaine de la création esthétique en général, en poétique et en littérature, notamment).⁴ (COTE, 2008, p. 20).

As contrautopias ou o fracasso dos grandes mitos fundadores

Na opinião de Gérard Bouchard (2002), as utopias americanas não cumpriram suas promessas e fracassaram porque “le nouveau continent n'a pas fait mieux que l'ancien du point de vue des rapports sociaux (exploitation, inégalités), du rapport État-citoyen (violation des droits, dictatures), du rapport à l'environnement (pollution, destructions, etc.)” (p. 4).

A literatura – em particular no contexto da pós-modernidade – fornece inúmeros exemplos de seres que personificam esse fracasso. Narrativas produzidas nas quatro línguas dominantes das Américas reescrevem a desesperança, a descrença e a impossibilidade de pensar o futuro das Américas em termos de República do sonho. No artigo publicado em 2007, destacamos a reescrita do mito de Medeia por um grande número de escritores americanos contemporâneos, que põem em cena personagens que rejeitam a possibilidade de vida e de renovação em contextos tais como a escravidão. Numerosos são os exemplos de mães que matam seus filhos ou os impedem de nascer para não deixá-los viver em situações de assujeitamento em meios sociais dominados pela injustiça, a miséria e a discriminação. Esses autores elaboraram dessa forma contrautopias, em ruptura com os discursos ritualizados da América como espaço propício à construção de uma sociedade ideal (cf. BERND, 2007, p. 23-48).

⁴ De minha parte, interpreto essa realidade utópica como produto de todo conhecimento que não participa ainda da significação das Américas, quer dizer que hoje o desenvolvimento de novos conhecimentos sobre as Américas, que nos permitem “descobri-las”, participam explicitamente da utopia em questão (pois literalmente seus conhecimentos participam da construção de um lugar, *topos*, que não existe, ou não existe ainda completamente, e que além disto, esses novos conhecimentos devem emergir, apoiar-se inicialmente no trabalho da imaginação, e assim possuirão equivalentes ou paralelismos no domínio da criação estética em geral, sobretudo na poética e na literatura).

⁵ “A presente tarefa, [que] nos convoca a ‘reencantar’ o mundo, a inventar uma transcendência ou seu equivalente, a reconciliar mito e razão, [...] a reabilitar o mito como mola propulsora do pensamento; a enfrentar elementos do pensamento selvagem, metiço; a reencontrar um pouco da candura das origens; a cultivar certas formas de delinquência (pensamento circular, ‘terceiro excluído’, concepção do tempo aberto etc.)” (2003, p. 117).

Se é verdade que o espaço americano não é mais propício ao engendramento de utopias de um mundo perfeito, ideal, isso não significa contudo que a contemporaneidade esteja dominada pelo pessimismo. Enquanto algumas utopias declinam, outras ocupam seus lugares. As utopias do terceiro milênio não correspondem mais à definição clássica de “formulação teórica e orgânica de uma sociedade ideal, no estilo da *República* de Platão” (Ainsa, 1992, p. 52), mas as narrativas que relançam, a partir da crença na capacidade de transformação do homem, uma imaginação utópica sempre marcada pelo frescor e pela eficácia simbólicas.

Tentar compreender as Américas já fez correr muita tinta; as metáforas se multiplicam para recuperar e reencontrar imagens anteriores ao processo de invenção do novo continente que iniciou com as descrições dos primeiros conquistadores feitas a partir de seu quadro de referências: a Europa. Como se sabe tais narrativas foram desde sempre enriquecidas com fortes doses de imaginação para melhor destacar, junto a seus leitores (e muitas vezes patrocinadores das viagens), as aventuras vividas nas Américas.

As pesquisas atuais propõem expressões tais como reinvenção ou desinvenção das Américas para tentar redescobri-las sob a espessura dos discursos, das falsas representações, dos estereótipos e dos clichês que se acumularam ao longo dos séculos. Contudo, essas tentativas de redescoberta tiveram muitas vezes um efeito contrário: elas tendem a recobrir, a mascarar ou a esconder a importância de tudo o que já estava lá quando os europeus se lançaram na aventura das viagens ao ocidente. Deshierarquizar os discursos que continuam a excluir toda uma parte da população das Américas é uma utopia que merece ser relançada nesse início de terceiro milênio.

Gérard Bouchard fala do desencanamento do mundo diante do fracasso das utopias, mas ele evoca também a necessidade de reencantar o mundo (2003):

La tâche présente, [qui] appelle à ‘rénchanter’ le monde, à inventer une transcendance ou son équivalent, à réconcilier mythe et raison, [...] réhabiliter le mythe comme ressort de la pensée; faire face à des éléments de pensée sauvage, métissée; retrouver un peu de la candeur des origines; cultiver certaines formes de délinquance (pensée circulaire, ‘tiers inclus’, conception du temps ouvert, etc.) (2003, p. 117).⁵

Em 2007, Michel Maffesoli se inclina igualmente sobre o “rénchantment du monde”, sobre a necessidade de substituir uma “morale sclérosée” por uma pluralidade de éticas de acordo com a visão de mundo das diferentes tribos que habitam o planeta.

Em *Les Entretiens de Bâton Rouge* (2008), Édouard Glissant acentua uma das mais belas utopias

do contemporâneo globalizado: a poética da Relação, enunciada pela primeira vez em *Une introduction à une Poétique du Divers* (1995). Diversidade e relação são duas palavras-chave nas Américas que se crioulizam continuamente há 500 anos. Assumir a crioulização, definida por E. Glissant como “métissage avec sa valeur ajoutée qui est l’imprévisibilité” (1995, p. 17), implica o respeito do Diverso e a abertura ao outro na Relação. O escritor antilhano busca os fundamentos da Relação na filosofia dos pré-socráticos, que o ocidente tende a negar nos dias de hoje. O pensamento pressocrático concebia o ser na relação, partindo do fato “que l’être n’est pas un absolu, que l’être est relation à l’autre, relation au monde, relation au cosmos” (1995, p. 25).⁶ Essas entrevistas, realizadas por Alexandre Leupin co Edouard Glissant, entre 1990 e 1991 quando o poeta e ensaísta antilhano residia em Bâton Rouge (Estados Unidos), permanecem atuais. Depois da Negritude ter sido ultrapassada – utopia destinada ao fracasso porque não previa a abertura ao outro na Relação –, a proposta de Glissant permanece como uma generosa utopia que consiste em “révéler les invariants de la Relation mondiale où s’exprime l’impératif non impérieux, pour les poètes des temps actuels, de s’engager dans la mondialité infinie de l’innommable Relation” (2008, p. 14).⁷

Esperamos que a polifonia discursiva evocada durante essas breves reflexões – lembrando os testemunhos de autores que refletiram sobre as «imprevisíveis Américas», contribuirá para desmascarar um certo número de estereótipos que se consolidaram e para favorecer a percepção dos imaginários e das relações transversais entre as Américas.

Références

AINSA, F. La découverte de l’autre et l’invention de l’utopie. *EUROPE*, revue littéraire mensuelle, Paris: L’invention de l’Amérique, n. 756, p. 46-56, avril 1992.

ANDRÈS, B.; DESJARDINS, N. (Dir.). *Utopies en Canada* (1545-1845). Montréal: UQAM, 2001.

BERND, Z. Le nouveau-né: Mythe et contre-mythe dans les littératures des Amériques. In: BOUCHARD, G.; ANDRÈS, B. (Dir.). *Mythes et sociétés des Amériques*. Montréal, Québec/Amérique, 2007. p. 23-47.

BOLAÑOS, A. Nossa América. In: BERND, Z. (Org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS et Tomo Editorial, 2007. p. 483-488.

BOUCHARD, G. *L’Amérique: terre d’utopie? Conférence à l’occasion du colloque interaméricain (Brésil/Canada) des sciences de la communication*. Salvador (Bahia), 2002.

BOUCHARD, G. *Genèse des nations et cultures du Nouveau Monde; essai d’histoire comparée*. Montréal: Boréal, 2000.

BOUCHARD, G. *Raison et contradiction: le mythe au secours de la pensée*. Québec: Nota Bene/Cefan, 2003.

CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. 6. éd. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007. (Seuil, 1975).

CÔTÈ, J.-F. Américanité: hybridité culturelle et cosmopolitisme. In: BERND, Z. (Org.). *Brasil/Canada: imaginários coletivos e mobilidades (trans)culturais*. Porto Alegre: Nova Prova/ABECAN/PPG-Letras/UFRGS, 2008. (sous presse)

GLISSANT, É.; LEUPIN, A. *Les entretiens de Bâton Rouge*. Paris: Gallimard, 2008.

GLISSANT, É. *Introduction à une Poétique du Divers*. Montréal: Presses de l’Université de Montréal, 1995.

KARAM, H. Paraíso. In: BERND, Z. (Org.). *Dicionário de figuras e mitos literários das Américas*. Porto Alegre: Editora da UFRGS et Tomo Editorial, 2007. p. 506-511.

LAROCHE, M. Éloge de l’île. In: ANDRÈS, B.; BERND, Z. (Éds.). *L’identitaire et le littéraire dans les Amériques*. Québec: Nota Bene, 1999. p. 255-258.

MAFFESOLI, M. *Le réenchantement du monde*. Paris: La Table Ronde, 2007.

PRZYCHODZEN, J. Désinventer l’Amérique; identité merveilleuse et société globale. *Interfaces Brasil/Canada*, Rio Grande: Abralic, n. 5, p. 63-78, 2005. <www.revistabecan.com.br>.

RIVAS, P. Crises e mudanças na cultura e na literatura francesas (Mitos do declínio e mitologias de renovação). In: NITRINI, S. et al. *Literaturas, artes, saberes*. São Paulo: Abralic/Hucitec, 2008. p. 43-64.

SCHEINES, G. De la utopia del Nuevo Mundo a la utopia del fin del mundo. In: FORTUNATI, V.; STEIMBERG, O.; VOLTA, L. (Orgs.). *Utopias*. Buenos Aires: Corregidor, 1994. p. 137-146.

Recebido: 08 de junho de 2010
Aprovado: 12 de agosto de 2010
Contato: zilab@uol.com.br

⁶ “o ser não é um absoluto, que o ser é relação com o outro, relação com o mundo, relação com o cosmos” (1995, p. 25).

⁷ “revelar as invariantes da Relação mundial onde se exprime o imperativo não imperioso, para os poetas dos tempos atuais, de engajarem-se na mundialidade infinita da inominável Relação” (2008, p. 14).